

ECONOMIA

FGV: Indicador Antecedente de Emprego sobe 1,6 ponto em dezembro, a 74,7 pontos

O Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp) subiu 1,6 ponto na passagem de novembro para dezembro, para 74,7 pontos, após dois meses de quedas, informou a FGV ontem. Em 5. Em médias móveis trimestrais, o IAEmp recuou 3,0 pontos.

Apesar da melhora em dezembro, o IAEmp terminou o ano com saldo negativo de 7,1 pontos. Em dezembro de 2021, o IAEmp estava em 81,8 pontos.

“O IAEmp voltou a subir em dezembro, mas é preciso de cautela para interpretar esse resultado. A alta desse mês compensa apenas cerca de 15% do que foi perdido nos meses anteriores e o ano encerra com viés negativo com o resultado do último trimestre.

O patamar baixo do indicador se mantém e parece

refletir o cenário macroeconômico negativo e desafiador para o ano de 2023.

Com a expectativa de uma desaceleração da economia, o mercado de trabalho tende a reagir de maneira negativa e dificilmente voltará, no curto prazo, à trajetória ascendente que teve em parte do ano de 2022”, avaliou Rodolpho Tobler, economista do Instituto Brasileiro de Economia da FGV (Ibre/FGV), em nota oficial.

O IAEmp sugere expectativa de geração de vagas adiante, quanto maior o patamar, mais satisfatório o resultado. O indicador é formado por uma combinação de séries extraídas das Sondagens da Indústria, de Serviços e do Consumidor, todas apuradas pela FGV. O objetivo é antecipar os rumos do mercado de trabalho no País.

Vendas de veículos novos acumulam queda de 0,7% em 2022, mostra Fenabrade

Ao mostrar em dezembro o maior volume em um mês dos últimos dois anos, o mercado de veículos praticamente repetiu no balanço final de 2022 o resultado do ano anterior. Entre carros de passeio, utilitários leves, caminhões e ônibus, 2,1 milhões de unidades foram vendidas no País, o que representa uma leve queda de 0,7% na comparação com 2021. O levantamento foi divulgado ontem, 5, pela Fenabrade. Abaixo das expectativas no início do ano, quando as projeções de montadoras e revendedores eram de crescimento entre 4,6% e 8,5%, o desempenho mostra que o setor segue em mais de 600 mil veículos distante do nível de antes da pandemia.

Em 2019, as vendas de veículos no Brasil somaram 2,79 milhões de unidades. A escassez de componentes eletrônicos no mundo, levando a paradas de produção e, consequentemente, limitação de oferta nas concessionárias,

(Foto: EBC)



No ano passado foram comercializadas 216,9 mil unidades no mês passado, alta de 4,8% na comparação com igual período de 2021 e de 6,3% frente a novembro.

de 2022 o maior número de veículos vendidos em um mês desde dezembro de 2020 (244 mil).

Foram comercializadas 216,9 mil unidades no mês passado, alta de 4,8% na comparação com igual período de 2021 e de 6,3% frente a novembro.

Contribuiu a esse crescimento a corrida de transportadores antes da mudança nos preços dos caminhões por conta do aperto, na virada do ano, dos limites de emissões, o que exigiu uma atualização tecnológica dos motores a diesel.

Produção industrial tem queda de 0,1% em novembro

(Foto: EBC)



A produção da indústria brasileira caiu 0,1% em novembro de 2022, na comparação com outubro. A queda veio depois de uma alta de 0,3% em outubro. O dado, da Pesquisa Mensal Industrial, foi divulgado ontem (5), no Rio de Janeiro, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A produção também apresentou resultados negativos na média móvel trimestral (-0,2%), no acumulado de janeiro a novembro (-0,6%) e no acumulado de 12 meses (-1%).

Na comparação com novembro de 2021, no entanto, houve alta de 0,9%.

Na passagem de outubro para novembro, 11 das 26 atividades industriais pesquisadas tiveram queda. Os principais

resultados negativos vieram dos setores de indústrias extractivas (-1,5%), equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-6,5%), produtos têxteis (-5,4%), confecção de artigos do vestuário e acessórios (-3,8%), produtos de metal (-1,5%) e produtos de minerais não metálicos (-1,2%).

Alta - Ao mesmo tempo, 15 atividades tiveram alta na produção, com destaque para produtos alimentícios (3,2%), veículos automotores, reboques e carrocerias (4,4%), bebidas (10,3%) e coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (2,8%).

Das quatro grandes categorias econômicas da indústria, apenas uma teve queda na passagem de outubro para novem-

bro: os bens de consumo duráveis (-0,4%). Os bens de consumo semi e não duráveis tiveram crescimento de 0,6%.

Também apresentaram alta os bens de capital, isto é, as máquinas e equipamentos usados no setor produtivo (0,8%) e os bens intermediários: insumos industrializados usados no setor produtivo (0,4%).

O recuo de 0,1% na produção industrial em novembro ante outubro foi resultado de uma redução em 11 dos 26 ramos pesquisados.

A indústria brasileira chegou a novembro de 2022 operando 2,2% aquém do nível de fevereiro de 2020: apenas dez das 26 atividades investigadas estão em patamar superior ao pré-crise sanitária.

Mercado projeta inflação menor para 2023

A inflação deve fechar o ano próximo a 5,9%, considerando a prévia da inflação oficial, calculada pelo IBGE e divulgada na sexta-feira (23). Em 2023, a inflação deve ser menor. Por exemplo, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada prevê uma inflação de 4,9%, enquanto o relatório Focus, do Banco Central, projeta um índice de 5,17%. Ou seja, a tendência captada no momento é de continuidade do processo de desinflação da economia brasileira, iniciado em me-

dos do ano de 2022. Em 2022, a economia mundial e a brasileira sofreram os reveses provocados pela pandemia de Covid-19 e pelo conflito Rússia-Ucrânia.

A interrupção na produção e as restrições à mobilidade ocasionadas pela pandemia desfizeram cadeias produtivas e encareceram bens e serviços, como os aparelhos eletroeletrônicos – que tiveram sua demanda aumentada, dado o isolamento social - ou os transportes, pelo fechamento, por exemplo, de

portos e aeroportos na China. A guerra da Ucrânia elevou os preços dos alimentos, já que o país é um grande produtor de grãos; e dos combustíveis, vale lembrar que a Rússia está entre os maiores produtores mundiais de petróleo.

No Brasil, o combate à inflação levou o Banco Central a iniciar um ciclo intenso de aumento da taxa básica de juros, que saltou de 2,0% ao ano, em janeiro de 2021, em um momento grave da pandemia.

Captação líquida dos fundos despesca 139,5% em 2022 ante 2021, diz Anbima

A indústria de fundos registrou resgate líquido de R\$ 162,9 bilhões em 2022, queda de 139,5% ante o saldo positivo de R\$ 412,5 bilhões em 2021, conforme dados divulgados ontem, 5, pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima). O patrimônio líquido do setor che-

gou a R\$ 7,4 trilhões em 2022, o que representa alta de 7,1% na comparação com o ano anterior (R\$ 6,9 trilhões). A classe com maior saída de recursos foi a de multimercados, com resgate líquido de R\$ 87,6 bilhões em 2022, seguidos de fundos de ações (resgate líquido R\$ 70,4 bilhões) e renda fixa (resga-

te líquido de R\$ 48,9 bilhões). No lado positivo, os fundos de investimento em direitos creditórios (FIDCs) tiveram captação líquida de R\$ 12,6 bilhões em 2022, acompanhados pelos fundos de índice (ETFs, na sigla em inglês), que terminaram o ano com o saldo de R\$ 366,3 milhões.

